

# O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. . . . . 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORGÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO  
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II

Desterro -- Domingo 8 de Fevereiro de 1880

N. 7



## O ARTISTA

Desterro, 8 de Fevereiro de 1880.

**Liberdade, egualdade e fraternidade,**

CAPITULO II

*Definição da egualdade e da fraternidade.*

Egualdade! Querem banir da terra a ti, que por toda parte vejo com o infinito; a ti, irmã da justiça, da equidade e da fraternidade; a ti, que com tuas irmãs fazes um admiravel accordo!

Sem egualdade não ha musica nem poesia!

Não pôde haver harmonia sem que os cantores ou os instrumentos observem o mesmo tom e o mesmo compasso.

Egualdade! e querem te expulsar da sociedade!

Mas tome a cabeça o lugar do coração; definamos a egualdade.

Egualdade é a identidade de direitos relativamente áquelles que se acham em identicas circumstancias.

Egualdade é justiça, equidade e fraternidade: morta qualquer d'estas, mortas são todas as outras.

D'aqui se colhe que a egualdade é relativa, como o é tudo sobre a terra.

Muita gente cuida que a egualdade consiste em sujeitar todos os homens a uma mesma fôrma, sem attender ás differenças.

Não! a egualdade é proporcional, como relativa e condicional!

Como é que o alfaiate ha de fazer todos os paletós sob uma mesma medida?!..

Como é que o sapateiro ha de fazer todos os sapatos por uma mesma fôrma?!..

Quando se diz que a lei é igual para todos, quer-se dizer que todos aquelles que se acham em eguaes circumstancias, teem eguaes direitos.

Assim diante do direito natural todos os homens são eguaes como homens; diante do direito canônico são eguaes como fideis; diante do direito civil são iguaes como cidadãos; diante do direito das gentes são iguaes todas as nações.

Todos aquelles que cumprem seus deveres, merecem: e como taes teem direito a uma recompensa proporcional ao merito attendendo ao meio social em que vivem elles; todos aquelles que deliquem, devem soffrer uma pena proporcional á culpa attendendo ao meio social em que vivem elles.

Maior merito, maior premio; maior demerito, maior pena; menor merito, menor premio; menor demerito, menor pena.

Si dous criminosos, por exemplo, se acham em eguaes circumstancias, devem soffrer *egual* pena.

Esta é que é a egualdade que querem

os pensadores sensatos, inclusive os communistas.

Diz Mauricio La Châtre, que é communista, que a egualdade absoluta não está na natureza (Vide Dictionaire universel de M. La Châtre.)

Queremos, pois, a egualdade relativa, que, por consequencia, não deve espantar a certos *politicos*.

Queremos, v. g., que dois negociantes em diversas circumstancias não paguem os mesmos direitos: queremos que cada um pague um direito proporcional; que pague mais quem tem mais, pague menos quem tem menos.

Queremos que se dê a cada estomago o que pedir a natureza de cada um,

A quem é de muito sustento dê-se muito sustento; a quem é de pouco sustento dê-se pouco alimento.

Em summa dê-se a cada um o que é seo conforme ás circumstancias de cada um; eis o que é a egualdade a par da justiça e da egualdade.

Ajurtemos, agora, a fraternidade, que implica a egualdade.

Fraternidade é o laço que prende os irmãos entre si: é a identidade de direitos para aquelles que teem o mesmo principio.

Os irmãos são iguaes, porque teem os mesmos paes: teem, consequentemente, eguaes direitos segundo a idade, o temperamento, o merito ou o demerito de cada um.

Ora, diante do direito natural teem os mesmos direitos os homens, qu esendo

## FOLHETIM 9

EDMUNDO O BANDIDO

POR

JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA

VII

—Sem duvida, respondeu um dos creados; mas o trunfo lhes ha de sahir ás avessas, deparando com os vossos valentes, que os conduzirão incontinentemente para o xilindró.

—Irão para o xilindró si se entregarem, mas se fizerem resistencia, bala no caso!

—Deos permita que tal não aconteça.

—Porque?

—Porque a sinhasinha morreria de susto.

—Ah! lá tem mulheres?

—Mulheres não, uma moça honesta.

—E moça honesta, pedaço de burro, não é mulher?

—Ah!... sim... não me lembrava... Mas...

—Deixemo-nos de conversa, e aviamo-nos, porque estou molhado que nem um pinto.

A' estas palavras, todos acceleraram a marcha.

João voltou à pedra e sentou-se, apesar da chuva que sobre elle cahia.

Duas cousas o inquietavam: uma era de não tornar a ver Leonida; outra a duvida em que estava de Edmundo vir ou não com a sua quadrilha.

As horas passavam-se sem nada succeder.

Essa demora fazia crescer a inquietação do traidor.

—Si elles não vêm, pensavo João, que idéa não fará o conde de mim?... Tenho que restituir o dinheiro... Que estupidez esta minha! restituir-lhe o dinheiro a um ricaço d'aquelle... Nada, n'esta não caio eu!... Mas, com tresentos diabos, que demora!

Ergueu-se, e poz-se a passear por entre as arvores.

A chuva, que cahia a cantaros, os relampagos, que esclareciam as soturnas profundezas das florestas, o raio que estalava no espaço, não atemorizavam esse homem, que parecia rir-se da terrivel lucta dos elementos.

Continuava a passear, quando uma idéa repentina accudiu-lhe ao afoguedo cerebro.

1975  
52

todos filhos de Adão e Eva e tendo todos o seo principio em Deos,são naturalmente, eguaes.

Cada um tem o direito de formar uma familia; cada familia tem o direito de se unir ás familia visinhas e formar uma sociedade, uma nação.

D'aqui se colhe que nenhuma nação pôde escravizar a outra nação: nenhum cidadão pôde escravizar a outro cidadão, porque uma nação compõe-se de familias uma familia compõe-se de individuos do genero humano, e o genero humano é um.

Todos somos livre,todos somos eguaes,todos somos irmãos ?

(Continua.)

### LITTERATURA

## NEDJEDLIS O MOURO

OU  
UMA VICTIMA DA INQUISIÇÃO

POR  
J. F. Paz

III

Minutos depois, Elvira recuperou seus sentidos.

D. Rodrigo chamou o visconde ao seu gabinete e ahi começou a imaginar planos para a perdição do Mouro.

Tudo se lhe antolhava favoravel a seus designios.

Elle tinha me suas mãos a sorte do Nedjedlis.

—Elvira, diz o fidalgo ao visconde, ha de casar-se com o snr. e eu vou arredar de seo pensamento esse Arabe infame.

—Senhor, diz o visconde, reflectamos um pouco.

Eu odeio os Mouros porque desde o berço me ensinarão a odeial-os, Conheço que é necessario affastal-os desta terra que lhes não pertence.

Eu darei a vida combattendo contra elles, porque meu bisavô combatteo con-

tra Abdename e ficou morto no campo de batalha; mas,apezar disso tudo, quero ser justiceiro.

Prendi o mouro, é o quanto basta; estou vingado. Para que maiores males?

Quanto a Elvira deixemol-a em paz, deixemos que seo coração palpite por um mouro,

Ella o adora; nada lhe resistirá !

Não é n'um riso, n'um beijo, n'um aperto de mão que se conhece o amor, é n'um sacrificio .... nu'ma lagrima.

Ella quasi morreo quando vio Nedjedlis preso; isto é signal que o ama.

—Não, senhor,diz o fidalgo, jurei perder esse mahometano e hei de cumprir meo juramento.

Quanto a Elvira, a sorte está lançada.

—Então o que vae fazer ?

—Expulsal-a de casa, porque a filha que desobedece as ordens de um pae, merece um castigo severo.

Que queria ella ? Lançar sua familia no pãul do desmerito ligando-a à essa raça vil e odiosa de mahometanos ! Que filha.

—Oh D. Rodrigo que vae fazer ? Uma loucura !

Lançar o anathema contra sua propria filha ? Horror.

Tenha piedade della: conceda-lhe o perdão.

—Não senhor o que disse está dicto, responde o fidalgo ao visconde e tomando uma pena escreve n'um papel.

—O que está escrevendo snr. Rodrigo ?

—Não me interrompa.

Minutos depois o fidalgo lançou a pena no tinteiro e tomando o papel deo-o ao visconde. Este lê-o. Era uma accusação ao Tribunal do Santo Officio, na qual o mouro era accusado de conspirador contra os sacerdotes.

—Vae accusar o mouro ? Perguntou o visconde.

—Sim senhor. Responde o fidalgo.

—Não me peça favores que eu não os concedo respondee o fidalgo. Saíamos Vou ao tribunal do santo Officio.

Quer acompanharme ?

O fidalgo sahio e o visconde ficou passeiando a passos graves na sala de visitas Seo espirito estava inquieto.

hão sacrificar um homem por causa de sua ambição.

(Continua)

## POESIAS

Offereci-la a sociedade  
carnavalesca

BONS ARCHANJOS

POR

Wenceslão Bueno.

Velhos, velhas, moços, moças,  
Vinde ver o carnaval;  
Nós somos os BONS ARCHANJOS:  
Não vimos fazer-vos mal.

Deveis vos-livrar dos entes  
Das masmorras infernaes;  
Dos anjos de quatro patas,  
D'esses monstrs-animaes !....

Neste dia prazenteiro  
Vem elles representar  
Este mundo fementido,  
De vicios horrendo mar !...

Os justos, rectos e sabios,  
Veros amigos do bem;  
Que junto vivem dos demos,  
Representamos, porém.

Andamos nós mascarados  
Para que o nosso esplendor  
As vistas vos não deslumbre  
Incutando em vós a dor !...

Os filhos, porém, do inferno  
Quizeram-se mascarar,  
Buscando o semblante negro  
Aos vossos olhos furtar.

As pontas e as quatro patas  
Pr cur um todos cobrir;  
Mas, como são demos brutos,  
Elles não sabem fingir.

Parou, e levando as mãos tremulas aos cabelos ensopados de suor:

—Não matei Roberto, feri-o apenas. A ambição cegou-me, e me não deu tempo de verificar si realmente o tinha morto... Os seus gemidos attrahiram, sem duvida, a attenção de algum salteador, e... perdeu-me !... Oh ! maldicção do inferno !...

Passado aquelle momento de afflicção proseguiu com voz cavernosa:

—Estou perdido !... Edmundo e o conde me perseguirão: este, porque roubei-o; aquelle, porque trahi-o... Desgracado João !... A Providencia Divina te castiga !... Não importa ! Já que dei o primeiro passo n'esta horrifera estrada, continuarei a caminhar !... Mas Edmundo me ha de pagar !... Em vez de perseguir-me, sera o perseguido. E Leonida ? poderei passar sem mais vê-la ?... Não ! mil vezes não ! Leonida ha de ser minha,

embora, para possuil-a, tenha de lutar contra o mundo inteiro !...

E, envolvendo-se no seu ponche, desapareceu nas trevas, como um espirito maligno.

Quando despoutou o dia, o conde conheceu que tinha sido enganado.

Despediu os soldados, promettendo uma avultada quantia áquelle que descobrisse o infame que o tinha illudido.

Mas foi em vão, porque João, conhecendo o perigo que o ameaçava, disfarçou-se de tal modo, que seria difficil, senão impossivel, reconhecê-lo.

Desde então, Edmundo não deu um só passo, que João não soubesse.

O assalto de que fallámos no capitulo antecedente foi testemunhado pelo tui-

dor, que denunciou-o; mas que, graça á vigilancia dos seus espias, conseguiu escapar com toda a sua quadrilha.

João podia de um momento a outro entregar-o á justiça, indicando a Casa Negra, mas reservava isto para o fim: queria por enquanto perseguil-o.

VIII

Depois que o conde ficou sua residencia na aldeia, Leonida resolveu comfessar o seu amor a seu pai

Si bem que o conde a amasse muito, não deixou de sensurar-lhe o ter-lho por tanto tempo occultado as suas relações amorosas.

(Continua)

Que dizemos ? Não; q' o diabo,  
Como o diz o vulgo bem,  
Tem uma capa q' esconde,  
Outra que mostra tambem !....

Nós todos vimos, leitores,  
O mundo representar;  
Mas uma differença importa,  
Caros senhores, notar.

Do mundo o avesso elles pintam,  
Nós o direito porém;  
Elles o mal representam,  
Nós figuramos o bem.

Elles vem d' atra caverna,  
Onde ouvem-se horrendos sons;  
Nós vimos da azul montanha,  
D' onde vem celestes dons.

Velhos, velhas, moços, moças,  
Vinde ver o carnaval;  
Nós somos os BONS ARCHANJOS:  
Não vimos fazer-vos mal.

## O ENTRUDO

Eil-o fóra da campã o velho entrudo  
co'o cabelo em desorde, os braços nus,  
de *seringa* nas mãos como Esculapio  
e *limões* na condeça e no capuz !

A correr, como louco, entra nas casas  
sem licença pedir—o bom gaiato !  
Molha aqui, molha ali, *seringa a todos*....  
e nem lh'escapa o cão nem mesmo o ga-  
(to) !....

Até mesmo o velhinho, de seu catre,  
da festança partilha.... do *agoaceiro* !..  
das *guerrilhas renhidas* de *risotas*,  
*potes d' agoa, limões-d' agoa-de cheiro* !

E as *bisnagas* ?.. quem foge das *bis-*  
(nagas ?  
dos *polvilhos* tambem si a *compo sahem*?  
Qual o que ! que si correm já se voltam..  
e tantas *balas d' agoa* noutros cahem !..

Escorrega-se aqui...p'ra 'li se corre...  
assaltos dão-se, gargalhadas mil !  
cós rebentam-se, pingam-se vestidos..  
e cada qual se mostra mais gazil !..

Até velhas !.. *armadas de canecas*,  
vão-se metter nos tiroteios d' agoa !..  
E, comquanto a loucura ali se veja,  
não ha quem tenha nem quem sinta ma-  
(goa) !

Tudo folga a saltar.. moços e velhos  
e grandes e pequenos.. brinca tudo !  
*Jogando limões, comen-to carne fresca*.  
tudo festeja a apparição do entrudo !..

Porem.. quando de cinza assoma o dia,  
de roزاری nas mãos e cruz na tés-ta..  
é que sente-se então, *-sittando espirros*,  
os *effeitos* de toda aquella festa ! !..

São Francisco, 1879.

Benjamin Carvalho

Ao meu affectuoso amigo o illmo. sr. José Luiz dos Santos e sua illma. sra. por  
ocasião do passamento de seu innocente filho Octaviano.

Era um anjo do Céo... desceo a terra  
Encontrou em seus paes tanta candura....  
Mas qual flor espargio perfume em risos....  
E de novo voou aos ceos.... ventura....

Oh ! que vejo ? seos paes tão lacrimosos....  
Pelo peso da dor profunda e immensa  
Mas o anjo a sorrir junto do Eterno  
D'elle impetra p'ra os paes a recompença.

Não lastimes de voz. . . Deos é bondade  
Se teu filho levou, é que esse filho  
Era o anjo do céo, deixou a terra,  
E' de Deos uma luz, um astro, um brilho...

Que mais queres de mim ?..que tantas vezes  
Es-e pranco que é teu... tambem verti !..  
Tive dores e magoas tão profundas. .  
Mas a alma na dor tambem sorri.

Sê commigo extremo, a dor é fraca,  
O teu filho é feliz... embora a parca  
Encerrasse pr'a sempre os restos seus..  
E elle vive, é feliz, vive contente,  
Era o anjo do céo; filho innocente..  
Como expande essa flor junto de Deos ! !..

Desterro, 14 de Janeiro de 1880.

p. da s.

## NOTICIARIO

**Jornaes.**—Agradecemos ás illustra-  
tradas redacções as remessas dos seguin-  
tesjornaes:

Despertador, Regeneração, Conserva-  
dor, Municipio, Verdade, Gazeta de Join-  
ville, Gazeta de Uberaba, Baixo Ama-  
zonas, Nova Aurora, Correio do Natal,  
O Neophyto, O Orbe e o Luzeiro.

**Chegada.**—No paquete entrado  
da Côte ante-hontem (6) chegou a esta  
cidade a Ex<sup>ma</sup> Familia do nosso distincto  
Amigo o Sr. Dr. José do Rego Rapozo.  
Felicitemos a S. S. por tão fausto mo-  
tivo e respeitosa e saudamos á sua  
digna Familia.

## CORRESPONDENCIA

**Cartas de um Roccoiro**  
**ilha-gracence**

(2<sup>a</sup> CARTA)  
(Continuação)

Depois do « mal das vinhas », das « des-  
coberta do xorope do bosque », pedra phi-  
losophal » e « quadratura do circulo »,  
tivemos a « honraria » de ser visitados  
pelo « dipitado » por esta « pervincia »  
de nossa Ilha a que Deus guarde !

Olhe que não é pouco !

Tambem pouco não foi o quanto fizemos  
nós os moradores deste torrão (ou tor-  
remo ?), para o seu recebimento:

Vá ouvindo, Sr. redactor;

250 « cartas de bichas traques », como aqui  
se diz foram distribuidos por 47 « anal-  
phabets », postados em linha recta d'es-  
de a « fonte do Itapoca, até 2,<sup>m</sup> 25 alem  
das « Laranjeiras ! (Arrayal de traz dos  
montes) !

Sobejaram, por conseguinte, 15 cartas  
dos ditos « traques » foram entregues a  
2 ou 3 dos primeiros, para distribuição  
gratuita entre « os pobres do lugar... »

« Caridade », veja só ! Aprecie a feliz  
lembrança ! Para distribuição gratuita 15  
caixas de traques ! !..

Faltou o « pallio »... Tambem faltou  
« la musique por se achar doente de maca-  
queira, e não querer augmentar a « tosse  
tosse »... e o numero de escarradeiras..

No entanto, não faltaram coisas e  
loisais !

De uma parte: ora sr. ora sr !

De outra: « vivorio » ! isto « agorio  
não, não é « cebolario » !. outro camelo-  
rio ?..

D'aqui, isto; d'ahi, aquillo & &

E elle só: Eu tinha por força « de sa-  
hir »... Si não fosse por cá, seria por  
lá etc., etc.

Trouxe elle em sua « limpissima » com-  
panhia um tal « engraxa-botas », que  
por o sei, nem por isso deixou de como  
tal comprimendo ser !..

Todos aqui ficaram boquiabertos com  
o fardamento d'este companheiro de via-  
gem, risos e « enjôatins »,..

Era mesmo um traje apropriado, e,  
como « casa de ferreiro, espeto de  
pau », as botas eram de « melhores tem-  
pos » e sem graxa, com respiradouros pa-  
ra os callos !

Era gaiato tambem, e nem podia dei-

...do o ser; graça era só o que l' e fil-tava.

O homem, « diz que », deixou promessas e mais promessas, como sejam:

O de mandar « cercar » a ilha toda de pedra e cal...

De arranjar uma torre mais para a Matriz, com os seus competentes sinos...

(Ai! Misericórdia com tantos sinos! Si assim acontecer, teremos de fazer uma petição, afim de nos mandarem ouvidos sobresaletos... Orelhas ha muitas e bem grandes...)

De mandar arrazar o morro da « Igreja de Santa Engracia... »

De mandar construir uma ponte pensil da ilha para o outro lado... etc. etc..

(Continúa.)

## CRITICA

### Scenas da actualidade

Motivos imperiosos vieram inesperadamente interromper as minhas criticas, que agora começavam a moralisar aquelles que não conheciam freio aos seus desatinos.

No melhor da minha tarefa, vejo-me obrigado a suspendel-a por algum tempo ou (quem sabe?) para sempre.

Mas deixo em meu logar o meu amigo Juvenal, que, para critica, tem uma pena superior à minha, e, alem d'isso, não é homem de meios termos; quando dá é a valer!

A' elle deixo a apreciação da funcção carnavalesca; e tenho certeza de que o meu amigo desempenhará o seu papel satisfactoriamente.

O que for digno de louvor terá os applausos de Juvenal, mas o que der motivo para critica não deixará de ter um pomposo elogio.

Juvenal é justo, motivo este porque confiei-lhe o meu logar.

Si não fossem os taes motivos, de certo que tal não teria feito, porque estava gostando muito do effeito que as minhas garatujas operavam no espirito d'aquelles que metto na funcção.

Muita gente boa já olhava de revez o *Artista*, principalmente os seus inimigos, que temiam ver seus nomes gravados na columna que eu occupava.

Mas os maldictos motivos vieram destruir o meu plano, que era mimoseal-os com duas palavrinhas dignas d'elles.

E' verdade que fica tudo ao cargo de Juvenal, mas eu mesmo é que queria vingar-me d'esses miseraveis, que só jogam com a calumnia.

Escaparam de boa!

Mas que lucro tiro em estar aqui a fazer ameaças? Nenhum, de certo.

Portanto, mudemos de assumpto.

Da emirência em que me acho, vejo perfeitamente o largo de palacio junca-do de povo.

Sob as arvores estão os empregados pullicos, ainda assustados pela crise por que passaram, que era de ficarem sem o

anhelado vencimento durante algum tempo, por causa das *finanças* da provincia.

Riem, ainda que sem vontade, para occultar a terrivel emoção que experimentam á vista de um *espirituoso* mascara, que incontinentemente é cercado por um esquadrão (!) de *valent s* policiaes, que pedem-lhe o cartão da licença, que elle mostra a tremor, e talvez com... os calções molhados!...

EPAMINONDAS.

## À PEDIDOS

Sr. Redactor.

Rogo-lhe o favor de declarar em seu conceituado jornal, si eu tenho ou não parte alguma nas «cartas do roceiro».

A isto não levam-me os que se encontram com ellas e assim nostram-se em culpa ou toleima, achando ali coisas que ara si fazem de gorra.

E será só do simpleza o vêr-se algum retrato de Satanaz, de D. Quixote ou de Sancho Pança?

O que me obriga a este pedido é que não costume tomar aquillo que não perence-me; e sendo as ditas cartas de atticismo e fino chiste não veja o seu autor que eu medeixei adornar com as cambiantes, plumas do pavão, que me queroim lar.

E só isto.

Benjamin Carvalho

Declaro não ser da lavra do snr. B. Carvalho d'Oliveira as cartas a que se refere o mesmo snr. na carta que dirigui-me, e que acima publico.

Creio que, dando esta breve resposta, livro o meu illustrado collaborador e amigo das responsabilidades das referidas cartas.

O snr. Benjamin limita-se a enviar-me poesias, que tenho publicado; portanto, as pessoas que julgam ser elle o auctor das cartas de que já fallei laboram em erro.

Alex. Margarida.

### Ao leitor

Lendo o *Artista* de domingo ultimo, deparei com um erro gravissimo no meu romancesinho que estou publicando em folhetins.

No ultimo paragrapho do folhetim da primeira pagina, em vez de lêr-se: Como o tufão que sopra furioso, fazendo desaparecer a fihagem secca que jaz pelo chão; assim, ás palavras de Edmundo fugitivo por um grupo de arvores, ouviu as seguintes palavras etc. lêa-se: Como o tufão que sopra furioso, fazendo desaparecer a fihagem secca que jaz pelo chão; assim, ás palavras de Edmundo, os bandidos desapareceram como por encanto.

E as palavras que gryphei pertencem a este periodo:

Ao passar Edmundo fugitivo por um grupo de arvores, ouviu as seguintes palavras etc.

Creio que, demonstrando este erro, que foi devido à pressa com que se paginou esta folha, descartei de mim a responsabilidade d'elle.

No segundo periodo do 7.º capitulo em vez de *moita*, lêa-se *malta*.

No numero de hoje, na 3.ª columna do folhetim da 1.ª pagina, onde diz: *restituir o dinheiro*, lêa-se: *restituir-lhe etc.*

Na linha immediata está *restituir-lhe* em vez de *restituir*.

No 1.º periodo do 8.º capitulo, em vez de *ficou*, devia estar *fixou*; bem como deve ler-se *confessar* e não *confessar*.

Além d'estes, muitos outros erros têm sido publicados; mas quero crer que o leitor não me fará a injustiça de attribuil-os a mim, e sim ao compositor, que, baldo de practica, confunde as palavras, obscurecendo assim o sentido das phrases.

JOSE' PRATES.

### Da analyse do Dr. Garreau.

Da analyse do dr Garreau, do relatorio dos srs. professors *Bouillaud*, *Poggiale*, e *Devergie*, approvado pela *academia de Paris*, e de numerosas experiencias medicas se deduz evidentemente que o vinho de Extracto de figados de bacalhau do Dr Vivien é muito mais rico em principios chemicos, activos, e medicinaes do que o oleo e que por consequencia, possui aquelle uma acção, muito mais activa e efficaz do que esse. Por isso, os medicos recommendam com instancia o vinho Vivien.

Sob sua acção, a economia adquire mais energia, o appetite apparece pouco a pouco, as faces tomam cores, e crescem as forças e actividade musculares.

O vinho de Vivein é recommendado por todos os medicos ás pessoas fracas, principalmente ás creanças, aos temperamentos lymphaticos, debilitados, anemicos, chloroticos, e predispostos a todos os ataques graves das enfermidades do peito, e da tísica.

Uma colher de vinho Vivien equivale a algumas colheres do melhor oleo de figado de bacalhau, tendo os doentes a vantagem de tomar um medicamento agradável ao paladar, e de uma acção e efficacia garantidas. Deposito no Rio de Janeiro, Drogaria Silva Gomes & C.ª, 24 rua de S. Pedro.

## Charada

Ao Sr. Mignon Veiga.

1—2 Esta vóz na memoria relogiosa é merecimento.

## ANNUNCIO

## A PECCADORA

O abaixo assignado declara aos Snrs. assignantes do drama **A Peccadora** que por todo o mez de fevereiro terá logar a entrega dos volumes, procedendo-se n'essa occasião á respectiva cobrança.

Horacio Nunes D

Typ. e Lith. de Alex. Margarida.